CAMANARO, Pedro Anácio. Parresía e produção de subjetividade em Valéria Houston, Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p. 111-129, 2020. (ISSN: 2317-1006 - online).

PARRESÍA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM VALÉRIA HOUSTON

PARRHESIA AND SUBJECTIVITY PRODUCTION IN VALÉRIA HOUSTON

Pedro Anácio Camarano[1]

Resumo: Este artigo caracteriza-se pelo empenho em discutir a relação entre "o cuidado de si" e a produção de subjetividade, tomando como base alguns dos últimos escritos de Michel Foucault (2004b, 2010, 2011). Baseando-se em procedimentos da Análise do Discurso de linha francesa, é apresentada uma análise sobre enunciados da cantora Valéria Houston na música "*controversa*" e em algumas entrevistas. Trata-se da análise de enunciados de um sujeito com posições sociais injuriadas (mulher, transgênera, negra), capturado por jogos de saberes que tenta lhe dizer quem é, e por uma rede de poderes que tenta lhe normatizar. Além disso, esse mesmo sujeito, participa desse jogo de saber-poder, reconfigurando a teia discursiva, construindo um modo de existência singular a partir do exercício da *parresía.*
Palavras-chave: *Parresía*; Subjetividade; Valéria Houston.

Abstract: This article is characterized by the commitment to establish a relationship between "self-care" and a production of subjectivity, based on some the last writings of Michel Foucault (2004b, 2010, 2011). Based on French Discourse Analysis perspective, we present an analysis of statements by singer Valéria Houston on music "controversial" and some interviews. It is the analysis of statements of a subject with injured social positions (woman, transgender, black), captured by know games that try to show what it is, capitalized by knowledge games and by a network of powers that try to normalize it. Moreover, this same subject participates in this know-how game, reconfiguring a discursive web, constructing a unique way of being from the exercise of *parresía*.
Keywords: *Parresía*; Subjectivity; Valéria Houston.

Introdução

Estudar Foucault (1987, 2004a) nos campos da linguagem requer um tipo característico de leitura: busca-se na descontinuidade da história aquilo que os discursos

[1] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: magopac@hotmail.com.

produziram. Nesta perspectiva, o discurso é fundador, é ele que produz as verdades de um certo momento histórico, é ele também que constrói os próprios sujeitos.

Da mesma forma, estudar a linguagem em perspectiva foucaultiana (1987, 2004a) demanda do pesquisador o entendimento de que os sujeitos são atravessados a todo momento por relações de poder, condição que os convocam a se posicionarem em relação às normas instituídas a partir de um movimento constante entre sujeições e resistências.

Neste artigo, busca-se refletir sobre o funcionamento discursivo, que à luz de Foucault (1987), materializa-se em enunciados vinculados às condições histórico-sociais e afetam diretamente os sujeitos, uma vez que interferem na produção da subjetividade.

A obra de Foucault (2017b) pode ser estudada em fases, num procedimento didático que nem sempre é eficaz, visto que existe um nexo nos domínios do pensamento do filósofo, imbricando noções da arqueologia do saber, da genealogia do poder e da estética da existência.

> É como se houvesse um prisma metodológico trifacetado através do qual se pode perspectivar um acontecimento ou uma experiência histórica. As três faces desta figura são um núcleo imbricado de problematizações dispostas em três eixos de análise: saber, poder e subjetividade. Quando se olha pela lente do saber predomina uma análise arqueológica de discursos e jogos de verdade, ficando as práticas de objetivação e subjetivação dos sujeitos em segundo plano. Quando se olha pela lente do poder predomina uma análise de práticas e modos de objetivação de corpos e subjetividades, ficando os jogos de verdade e de subjetivação num segundo plano. Por fim, quando se olha pela lente das subjetivações o que predomina é uma análise das relações éticas e trabalhos do sujeito consigo mesmo, ficando os jogos de verdade e de objetivação dos sujeitos em segundo plano. (PRADO FILHO, 2017b, p.326)

Nota-se que, apesar da existência de deslocamentos, as três investidas analíticas, juntas, constituem um arcabouço teórico-metodológico meticuloso, possibilitando reflexões sobre como as relações de saber-poder estão diretamente relacionadas à constituição das subjetividades.

O olhar analítico neste trabalho estará voltado para o que normalmente os comentadores chamam de o "último Foucault", momento em que suas pesquisas buscam refletir sobre a produção de subjetividade a partir de um retorno à cultura greco-romana, o que acaba gerando reflexões sobre como a relações de poder-saber podem ser analisadas em desdobramentos que envolvem um conhecimento e cuidado de si.

Tendo em vista o exposto, a proposta deste texto é descrever e analisar o funcionamento discursivo da prática *parresiatica* como exercício do cuidado de si, possibilitando produção de subjetividade.

A série enunciativa analisada é constituída a partir da música "*controversa*"[2] e por alguns enunciados de Valéria Houston, a partir de três entrevistas.

Valéria Houston é o nome artístico da cantora gaúcha Valéria Barcellos da Silva, cujo trabalho inicial foi fazer cover da cantora estadunidense Whitney Houston. Atualmente ela é artista fixa no Galeria Café, uma casa noturna com foco na diversidade, em Ipanema, no Rio de Janeiro. Valéria já fez dueto com grandes artistas, tais como Maria Gadú, Silveiro Pereira e Nanda Costa. A cantora também já abriu show para Katy Perry, participou de reality show de música no SBT e já venceu um festival de música francesa.

Os enunciados são tratados como "a unidade elementar do discurso" (FOUCUALT, 1987, p.150) e, como função de existência (FOUCUALT, 1987, p.98), são materializados em um suporte material, tendo um campo associado e um referencial como condições históricas de possibilidades de sua emergência. Os enunciados também solicitam a existência de um sujeito enunciador, um sujeito constituído sócio-historicamente.

Os enunciados que aqui serão analisados têm como fonte enunciadora um sujeito com aspectos identitários que o coloca em uma posição social peculiar, possibilitando subjetividades com especificidades dessa posição ocupada. São os enunciados desse sujeito abjeto, negra e mulher transgênera, que formam o objeto de investigação deste texto.

Por *abjeto*, seguimos o entendimento de Sargentini e Lopes (2017, p.204) que, no artigo *Uma análise discursiva do "corpo normal do século XXI: entre a docilidade e a abjeção* baseia-se em Kristeva para definir abjeção como "tudo aquilo que não é aceito, tudo o que não está institucionalizado, tudo o que indaga, contrapõe e subverte".

Conforme Lanz (2015, p.71), *transgênero*

> não é um substantivo, mas um adjetivo e, portanto, um termo que qualifica o substantivo, concordando com ele em gênero, número e grau. Transgênero é uma circunstância sociopolítica de transgressão ou não conformidade com as

[2] Clipe disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=8PHVSeD1MQg>. Acesso em: 12/07/2019.

> normas de gênero (assim como cisgênero é uma condição de conformidade com essas normas). Não há, portanto, uma identidade gênero-divergente chamada transgênero.

Transgênero é um termo guarda-chuva, designando sujeitos cujas identidades e/ou expressões de gênero não corresponde ao que é socialmente ensinado e esperado.

Contudo, é necessário cautela, quando se pensa a constituição do sujeito em análises com estrutura foucaultiana: não se trata de Valéria Houston como sujeito empírico, trata-se de uma posição-sujeito. Isso quer dizer que Foucault (1997) concebe o sujeito como descentralizado e historicamente constituído pelo saber e pelo poder. O sujeito, diz Foucault (1987, p.61), encontra-se disperso nos "diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala".

Desta forma, a constituição do sujeito está intimamente relacionada às características de interseccionalidade[3], pois elas revelam as posições sociais que o sujeito ocupa e as relações de poder que permeiam essas posições.

> A perspectiva interseccional tem a ver com a constituição identitária dos sujeitos e leva em conta os diversos marcadores sociais de identidade para a análise da complexidade das relações de força e de poder em jogo nos fenômenos de opressão, desigualdade e exploração sociais, mas também nos fenômenos de agenciamento à resistência. (...) Por meio de uma análise interseccional dos discursos, é possível constatar que o silenciamento de traços identitários em determinados grupos (...) servem para a manutenção de uma perspectiva eurocêntrica que coloca em circulação discursos sobre um sujeito universal que silenciam a constituição heterogênea dos sujeitos e de seus lugares de fala (MACHADO, 2019, p.57-59).

Em função disso, assumindo uma perspectiva discursiva-interseccional, compreende-se que a constituição do sujeito envolve uma "chamada à existência", feita por meio de interpelações aos padrões e esteriótipos, mas que permite rejeições, dentro de uma margem estabelecida, instaurando-se, assim, um campo de conflito que "marca as diferentes posições dos sujeitos" (FERNADES, 2008, p.15).

[3] "É uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado". Definição elaborada pela Dra. Carla Akotirene, autora do livro "*O que é Interseccionalidade?*". Enunciado disponível em < https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/>. Acesso em: 12/07/2019.

Quem autorizou Valéria a dizer a verdade?

As relações de poder, foram essas relações de assédios e desvios que a autorizaram a dizer a sua verdade.

Foucault (2006) em seus estudos mostra a verdade como fruto de uma vontade histórica, pautada em um complexo jogo de regras construídas discursivamente e que pode ser entendida como um "conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros." (FOUCAULT, 2006, p. 233).

Sobre a verdade, o autor da "*Microfísica do Poder*" diz:

> O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1989, p.13)

Neste sentido, não existe uma verdade universal, mas uma vontade de verdade. A verdade "revelada nesse processo, claro, não é descoberta, mas produzida. Ela existe com um saber no interior de um discurso particular e está ligada a um poder" (SPARGO, 2017, p. 17). Os discursos tidos como verdadeiros (portanto, validados) na sociedade brasileira atual são os provindos das ciências, e a ciência, por sua vez, não é isenta, é produzida por sujeitos constituídos por questões exteriores a eles. Dessa forma, toda a verdade de determinada sociedade respeita uma condição de produção que, segundo Fernandes (2008, p.15), diz respeito aos "aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam ou determinam a produção do discurso". Deste modo, a produção da verdade envolve o desejo de poder.

> Trata-se, portanto, de observar a necessidade de se indagar, conforme a visada foucaultiana, sobre o que seria a verdade. A verdade não é nada além de um efeito de verdade produzido pelas relações de poder. Não há uma verdade única, à qual não se possa contestar ou refutar. A verdade é uma construção e está implicada às relações de poder, e também, à subjetividade do sujeito, envolvendo sua constituição histórica, social e cultural. Igualmente, a verdade não é estática, pois pode sofrer alterações de acordo

> com as relações do sujeito com a história e com os mecanismos de poder (LOPES, 2015, p.303).

Em relação às questões etnicas-raciais, por exemplo, o discurso racista é repetida vezes manejado estratégicamente com finalidade de classificar e hierarquizar sujeitos de tonalidades de peles claras como a norma.

> A classificação da humanidade em raças hierarquizadas desembocou numa teoria pseudocientífica, a raciologia, que ganhou muito espaço no início do século XX. Na realidade, apesar da máscara científica, a raciologia tinha um conteúdo mais doutrinário do que científico, pois seu discurso serviu mais para justificar e legitimar os sistemas de dominação racial do que como explicação da variabilidade humana. Gradativamente, os conteúdos dessa doutrina chamada ciência, começaram a sair dos círculos intelectuais e acadêmicos para se difundir no tecido social das populações ocidentais dominantes (MUNANGA, 2004, p. 22).

A ciência, parte importante desse complexo jogo de relações de saber-poder, com o discurso de superioridade das raças ariana e nórdica, manipulou com um enredo tendencioso a existência de sujeitos de cor e suas culturas. Técnica vil, ressoante com intesidade ainda nos dias de hoje. Por isso, compreende-se que

> Diferentemente do que se poderia pensar em uma rápida e desavisada análise, a racialidade também é resultado da performatividade da palavra, que funda o corpo com raça, nele 'grudando' identidades raciais, as quais tanto podem vir carregadas de aspectos positivos – caso das identidades brancas, quanto negativos – caso das pessoas negras (LUCAS LIMA, 2017, p.205).

O racismo age na subjetividade dos sujeitos por meio dos discursos, fabricando subjetividades injuriadas, resultado de um constante e perverso "trabalho de desqualificação e que visa a morte do sujeito" (LUCAS LIMA, 2017, p.206).

Sobre a sexualidade, Foucault (1988) comenta que por volta do século XVII, no Ocidente, teria havido uma tolerância com o ilícito em relação a práticas que envolviam a sexualidade. Segundo o filósofo, "eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX" (FOUCAULT,1998, p.9). Contudo, na era vitoriana, diz Foucault (1998), há uma reviravolta e a moral burguesa conduz a sexualidade para o seio da família conjugal heterossexual, legitimando-a por meio da função reprodutora, imposta como modelo e discurso de verdade.

No Ocidente, os discursos sobre a sexualidade durante os séculos XVIII e XIX foram criados pela ciência, definindo o modelo de normalidade.

> Essas tecnologias do sexo eram concebidas para preservar e estimular uma população (ou força de trabalho) produtiva e procriadora que atendesse às necessidades do sistema capitalista em desenvolvimento. A unidade-chave dessa ordem social era a família burguesa, na qual seria gerada a futura força de trabalho. (SPARGO, 2017, p.19)

Foi desta forma que várias maneiras de conceber a sexualidade começaram a ser estrategicamente elaboradas, e continuam influentes na conteporaneidade, incluindo as ideias de que os desejos sexuais e papeis de gênero devem seguir uma dicotomina baseada simples e unicamente nos órgãos sexuais.

Como teoriza o filósofo de Poitiers,

> A medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos regulamentadores. [...] A norma é que o poder tanto se aplica a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar (FOUCAULT, 2005, p. 302).

O sujeito transgênero foi por muito tempo discursivisado pela medicina e pelas ciências psi (pisicologia, psicanálise e pisiquiatria) como doentes e/ou anormais, sujeitando-os a procedimentos científicos de normalização, numa clara estrátégia disciplinadora. Por esse ângulo, quando se pensa em verdade em perspectiva foucaultiana, fala-se em jogos de verdade, pois os sujeitos produtores de ciências estão inseridos em relações de interesses políticos e econômicos. Os jogos de verdade estão diretamente ligados às condições de emergência dos enunciados, pois funcionam a partir do contexto histórico-social (que também é construído discursivamente) e da filiação dos sujeitos envolvidos dentro da relação de poder.

Por outro lado, os jogos de verdade constituem uma disputa pela conduta dos outros e de si. Isto é, há possibilidade de o sujeito fazer um trabalho sobre si, participando de modo a alternar uma vontade de verdade instituída. Deste ponto de vista, é fundamental

> não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras, mas ter bem presente que o poder (...) não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula (FOUCAULT, 1989, p. 183).

Os sujeitos, seguindo esta linha de raciocínio, são sujeitados às normas de um poder dominante, mas possuem um campo de possibilidade para contracondutas. É o

caso, por exemplo, dos sujeitos *crossdressers*, que, na maioria das vezes, em ambiente privado e doméstico, se vestem com roupas e/ou objetos associados ao gênero oposto para vivenciar uma ampliação de seu universo subjetivo.

Assim, "onde há poder há resistência" (FOUCAULT, 1988, p.104), posto que existem possibilidades de o sujeito reagir às forças que lhe são impostas. Nessa lógica, o modo pelo qual os sujeitos constituem a própria subjetividade flutua entre dois eixos: a partir de uma relação de sujeição às normas predominantes e a partir de um trabalho sobre si, produzindo um processo de singularização.

Esses modos de subjetivação do sujeito em si mesmo são pensados por Foucault (2004a) a partir das experiências da antiguidade greco-romana e são chamados de "cuidado de si". Existem algumas formas para o exercício do cuidado de si, tais como: a escrita de si, a vida como obra de arte, a meditação, a ascese e a *parresía*, que será o foco de atenção nas análises deste texto.

Pensando-se nas relações de forças e resistências, as análises que aqui serão realizadas entendem os enunciados do sujeito-Valéria como parte de jogos de verdade, numa prática de produção de si, demonstrando a positividade do poder. Pois, se algo os analistas do discurso aprenderam com Foucault é que "o poder não é apenas algo negativo, que nega, suprime ou limita, mas sim que é algo produtivo: produz possibilidades de ação, de escolha e de resistência" (LUCAS LIMA, 2017, p.53).

Assim, é necessária a compreensão de que o poder materializa-se em jogos de força por meio de discursos com efeitos de verdade, e que as técnicas de condução das condutas dos outros e da própria conduta são moventes, agindo de acordo com as características históricas e sociais nas quais os sujeitos estão inseridos.

É neste sentido que o sujeito-Valéria encontra-se na ordem do discurso; isto é, existe uma condição de possibilidade para que qualquer um que ocupe essa posição-sujeito participe dos jogos de força, elaborando enunciados de contestação em relação a um poder dominante. É igualmente nesse sentido que existe a possibilidade de adentrar as linhas de fuga (DELEUZE, 1996), numa produção de si por meio do exercício da *parresía*, possibilitando subjetividades outras.

Valéria Houston e o exercício da parresia

Como dito anteriormente, Valéria Houston é uma mulher transgênera e negra. Isso significa que a posição ocupada por ela sofre determinações das condições discursivas sócio-históricas as quais está submetida. Ao acionar o princípio da interseccionalidade aqui, faz-se com a intenção de destacar um imbricamento de técnicas de sujeição: racismo, sexismo e transfobia são tratados como sistemas relacionados de exercício de poder.

Nesse sentido, explorar essa posição-sujeito requer o entendimento de que não é suficiente analisar a sexualidade da mulher negra com a mesma ótica com que se analisa a mulher branca. É certo que todas as mulheres sofrem subjugações pelo simples fato de serem mulher, contudo existem fenômenos de controle discursivos específicos das mulheres negras. Ser mulher negra no Brasil atual é ser sujeitada desde muito cedo a padrões de beleza eurocêntricos, é perceber-se como um desvio da beleza ideal. Todavia, se por um lado a mulher negra é posicionada como inadequada, como nas representações midiáticas, em que prevalecem as mulheres brancas como protagonistas, por outro lado, a mulher negra é objetificada e hipersexualizada com mais intensidade. Ela é, na maioria das vezes, exposta como objeto de um prazer pecaminoso, exótico para os homens.

Em suma, é preciso saber que a posição-sujeito ocupada por Valéria Houston é uma posição mais vulnerável dentro das relações de poder, pois existem dados demonstrando uma possibilidade maior de as mulheres negras serem vítimas de homicídio em relação às mulheres brancas, além de ocuparem trabalhos mais precários e serem vítimas de violência sexual com mais frequência.[4]

Ainda neste seguimento, destaca-se a condição de mulher transgênera como um item a mais no que diz respeito às dificuldades decorrentes das relações de saber-poder.

> Numa construção discursiva do gênero, histórico-sociológica, partimos da explicação de sociedades fundadas no binarismo, homem/mulher, resultado do entendimento naturalizado, essencialista, de gênero: as pessoas são homens (machos) ou mulheres (fêmeas), biologicamente, portanto, masculinas ou femininas, conceitos estendidos ao social e baseados na categorização ideológica dos fenômenos, como normais, se assim for, ou patológicos, se não for. Desse modo, as pessoas transgêneras são

[4] Informação baseada em entrevista de Djamila Ribeiro ao jornal espanhol "El Pais". Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/14/politica/1468512046_029192.html>. Acesso em:14/07/2019. Informações encontradas também no site da Anistia Internacional. Disponível em: <https://anistia.org.br/o-racismo-nosso-de-cada-dia-e-situacao-da-mulher-negra-brasileira/>. Acesso em 14 jul. 2019.

> consideradas doentes, sejam heterossexuais ou homossexuais (MODESTO, 2013, p.51).

Assim, é relevante expor o (ainda em vigor) CID 10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde), lançado em 1990 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para descrever em sua categoria F64 a transgeneridade taxativamente como transtorno de identidade sexual.

Em "*A vontade de saber*", Foucault (1988) permite a compreensão de que essa divisão binária dos sexos/gêneros faz parte de um dispositivo de saber-poder. Neste mesmo sentido, os discursos sobre a loucura também demonstram técnicas de saber-poder, pois, hospitais e clínicas psiquiátricas promovem disciplinarização com finalidade de condução de condutas. Segundo Foucault (1972) o internato seria uma forma de eliminação dos a-sociais. Todo aquele ou aquela considerado louco, estaria fora da ordem do discurso e precisaria de sofrer interdições a fim de tratamento. Por isso, ele diz que "temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância" (FOUCAULT, 2004a, p.2).

No livro "*A ordem do discurso*", Foucault (2004a) demonstra como em toda sociedade a produção de discursos é controlada, sendo a segregação da loucura um dos procedimentos de controle. "Desde os arcanos da Idade Média que o louco é aquele cujo discurso não pode transmitir-se como o dos outros" (FOUCAULT, 2004a, p.2), a palavra do louco não vale nada, não possui nem verdade nem importância.

Sendo assim, pergunta-se: qual é a condição de possibilidade para o sujeito-Valéria enunciar com efeitos de verdade, uma vez que ocupa uma posição-sujeito ainda taxada como sofrendo transtorno de identidade e exposta como um objeto sem voz, de existência exclusiva ao prazer dos homens?

> Expressões transgêneras são cada vez mais explícitas e visíveis na paisagem do mundo contemporâneo. Apoiadas nos avanços sociais dos últimos tempos, particularmente nas conquistas do Movimento Feminista, mais e mais pessoas transgêneras, de ambos os sexos, em todas as faixas etárias e classes sociais, estão abandonando seu autoexílio no armário e assumindo publicamente suas identidades gênero-divergentes, até agora mantidas em estrito, vergonhoso e sofrido sigilo. (...) As pessoas transgêneras definitivamente estão se tornando cada vez mais visíveis na sociedade. Contudo, do ponto de vista prático, pouca coisa está sendo alterada na mecânica social de aceitação (...) as pessoas transgêneras ainda padecem de níveis altíssimos de preconceito, discriminação e exclusão social (LANZ, 2015, p. 11-12).

De acordo com a citação, percebe-se uma condição de produção dos enunciados do sujeito aqui analisado, embora o poder sobre as mulheres transgêneras negras ainda seja impetuoso. A visibilidade, e, em consequência disso, a inserção de vários artistas militando pelos direitos humanos constitui um *acontecimento*, pois essa ocorrência "de modo imprevisto opera uma ruptura no aqui e agora e estabelece uma descontinuidade entre o passado e o futuro" (VILELA & BÁRCENA ORBE, 2007, p. 17). Portanto, ciente da importância da democratização do acesso à internet neste processo, quando essas subjetividades transgressoras do binarismo de gênero, antes silenciadas ou inviabilizadas, ganharam espaço em produções discursivas na mídia, configurou-se a "irrupção de uma singularidade histórica" (REVEL, 2005, p. 14).

Outro fator sócio-histórico importante no que concerne à possibilidade de os sujeitos transgêneros enunciarem é a despatologização a partir da decisão da OMS em retirar a transgeneridade da lista de doenças e de transtornos. Em 18 de junho de 2018, a OMS divulgou a decisão de que pessoas transgêneras não poderão mais ser classificadas como doentes, cabendo a cada país se adaptar à nova CID até o dia 1º de janeiro de 2022. A mudança reflete (ainda que não unanimemente) uma visão científica mais inclusiva no que tange aos sujeitos transgêneros, pois "as grandes mutações científicas podem talvez ser lidas, às vezes, como consequência de uma descoberta, mas podem também ser lidas como a aparição de novas formas na vontade de verdade" (FOUCAULT, 2004a, p.16).

O atuante feminismo negro do Brasil contemporâneo, a visibilidade transgênera e a sua despatologização possibilitaram também o enunciado da música "*Controvérsia*", maior hit da cantora Valéria Houston, composta pela compositora e também cantora Adriana Deffenti. Ao cantar esta música, há uma vontade de verdade sendo enunciada, é exposto de forma clara um "não" ao preconceito.

> No que se refere às produções artísticas de modo geral, penso na noção de *parhesía* como o compromisso com a verdade, como um meio para justificar certas posturas e ações políticas a esse respeito. Isso porque a *parhesía* tem compromisso com certa situação social; segundo Foucault (2013, p. 6), "alguém usa a *parhesía* e merece ser considerado um *parhesiastes* apenas se há para ele, ou ela, um risco ou um perigo em dizer a verdade", o que, de minha perspectiva, se aplica muito aos movimentos artísticos que fogem aos padrões clássicos (LOPES, 2015, p.311).

Sob essa ótica, se se pensar no Brasil atual como Estado pós-democrático, como propõe Rubens Casara, juiz do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ), tem-se uma conjuntura sócio-histórica na qual uma das principais características é "a inexistência de limites rígidos ao exercício do poder"[5]. No Brasil contemporâneo os partidos conservadores ganharam força e todas e todos estão sujeitos a ações autoritárias quando contradizem a vontade de verdade do poder executivo.

Valéria Houston faz parte de um novo ciclo de artistas (tais como Liniker, Caio Prado, Filipe Catto e Johnny Hooker), denominada *MPB trans*, que canta a música e apresenta performances no palco de forma a transformar a identidade de gênero em militância artística, e também evidenciam os privilégios dos sujeitos homens, brancos e cisgêneros.

Sabe-se que em outros momentos da história desse país despontaram artistas transgredindo barreiras de gênero e/ou enfrentando o discurso racista em seus arranjos artísticos, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Lecy Brandão e Ney Matogrosso; mas para esses artistas a questão da identidade de gênero e demandas étnicas-raciais não era uma bandeira artística, pelo menos não com a mesma investida da *MPB trans*.

É neste sentido que sujeitos como Valéria Houston, inseridos neste contexto político autoritário, "assumem a posição de *parhesiastes*, pois correm o risco, ou de vida ou de serem exilados ou de qualquer outra punição julgada como pertinente de ser executada, simplesmente pelo fato de terem agido com a verdade" (LOPES, 2015, p.311).

Segundo o Foucault (2011, p.14), a *parresía* é "a coragem da verdade daquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa". Mas, ao contrário do que essa definição possa demonstrar, essa noção não é simples de ser compreendida e não atende a uma definição única.

> As investigações histórico-filosóficas de Foucault a respeito da *parresía* se estendem desde a Grécia Antiga, no século V Antes da Era Corrente, até os primórdios do cristianismo. Trata-se de um percurso com quase oitocentos anos de extensão. (...) Foucault não pretende estabelecer um sentido unívoco do termo, mas sim assinalar as diversas modulações sofridas ao longo do tempo (PINHO, 2018, p.106).

[5] Paráfrase feita a partir de entrevista do juiz à revista eletrônica CULT. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/rubens-casara-estado-pos-democratico/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

Nesta lógica, destaca-se que a ênfase aqui está na coragem da verdade, na qual há uma tentativa de alcançar "não o outro mundo, mas a vida outra" (FOUCALT, 2010, p.85); por isso mesmo, não se limitando a uma arte de falar, mas engloba também uma arte de viver. Nesta acepção, vê-se Valéria Houston em entrevista ao canal do *youtube* "TVE RS"[6] recitando os seguintes trechos da música "*Controvérsia*", para iniciar a conversa:

> *Se às vezes uma pessoa me nota na rua*
> *E lança aquele olhar bisonho de quem*
> *Se incomoda com a minha presença*
> *Prefiro achar que é só humano*
> *Um jeito de agir estranho*
> *Há seres que se surpreendem com o espontâneo*

Valéria diz de forma sorridente se identificar com esta canção por se sentir feliz do jeito que é, mas que os preconceitos estão aumentando porque as pessoas estão achando que ser preconceituoso é ser moderno. Ela enuncia ainda não ter dúvida de sua condição identitária, mas que, no entanto, não se sente segura, por ter sido esfaqueada na rua às 16h por um senhor que resolveu agredi-la simplesmente por ela ser como é. Segundo a cantora, esse foi o episódio que a fez introduzir-se na militância, e encerra a entrevista com outro trecho da mesma canção:

> *Mas saiba, meu senhor, senhora, que fiquei assim*
> *Por desfrutar da liberdade de viver pra mim*
> *E se meu jeito lhe incomoda*
> *Digo e repito a toda hora*
> *Adoro ser essa pessoa que você detesta*

No caso destes enunciados, percebe-se o exercício da *parresía*, pois existe uma coragem e risco de dizer a verdade sobre as perversas investidas sociais de normatizações heterocisnormativas. Além disso, existe nessa vontade de verdade uma filiação de seu posicionamento, em oposição a outras verdades. Neste aspecto, Valéria se enquadra dentro das cinco premissas apresentadas por Foucault como necessárias para caracterizar o *parresiasta*:

> dizer o que pensa de forma franca e sincera; manter seu discurso em consonância com suas ações cotidianas; colocar, no limite, sua vida em risco; ser crítico em relação aos outros e a si mesmo; ter a obrigação de sempre verbalizar o que acredita ser verdadeiro. (PINHO, 2018, p.108-109)

[6] Entrevista disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=n8e-8mAa1zo>. Acesso em: 16/07/2019.

Ao demonstrar por meio dos enunciados e comportamento a coerência entre discurso e prática, o sujeito-Valéria subjetiva-se, pois "o processo de subjetivação abarca não só a relação com o verdadeiro da época, mas também diversas relações que estabelece consigo mesmo e com os outros" (NAVARRO & BAZZA, 2017, p.163). A subjetividade, neste sentido, é um processamento em permanente curso, um processo de batalhas.

> A subjetivação consiste, portanto, no processo por meio do qual os indivíduos são confrontados com um jogo de saberes que lhes afeta, uma rede de poderes que permite que esses saberes sejam construídos, validados, disseminados e que exerce coerção para que eles sejam assumidos. Diante desse confrontamento, o indivíduo faz uma construção própria e singular de seu modo de vida, entrando na teia discursiva ou escapando dela, conforme suas necessidades e dentro do limite de mobilidade que a própria teia possibilita (NAVARRO & BAZZA, 2017, p.151).

Em relação à postura controvérsia de Valéria Houston ao enunciar na canção que "ficou daquele jeito por desfrutar da liberdade de viver pra ela mesma", as palavras ajudam a compreender o funcionamento da *parresía*. Ao enunciar na entrevista que disse "não" à vontade de verdade de uma banda da qual participou que queria a submeter a normas fixas de identidade de gênero, o trecho da música retoma o "não" dito àqueles sujeitos formando um arquivo no qual a cantora possibilita uma análise do cuidado de si, pois ela entra na teia discursiva e faz uma nova construção de seu modo de vida. Quer dizer, o sujeito Valéria num exercício ético de *parresía* faz a correspondência necessária entre as suas práticas e sua vontade de verdade. "Um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser." (FOUCAULT, 2004b, p. 265).

Em março de 2012, Valéria concedeu uma entrevista ao portal de internet R7, na qual enunciou:

> *Procuro ser humorada, mas não sou feliz 24 horas por dia. Humor a gente tem que ter, precisamos nos divertir, mas tenho a consciência de que tenho que provar a todo momento que não sou só um negrinho vestido de mulher. Sou educada, feminina, mas tudo tem um limite e eu não tenho papas na língua.*[7]

Observa-se que a cantora faz uso da *parresía* em consequência de o termo girar em torno de uma possibilidade de aplicação de um falar franco e livre, de modo que

[7] Enunciado retirado do site < http://www.virgula.com.br/tvecinema/tenho-que-provar-que-nao-sou-so-um-negrinho-vestido-de-mulher-diz-valeria-houston-de-astros/>. Acesso em 16 dez. 2018.

nessa coragem da verdade entrelaçam-se a constituição do sujeito e uma vontade de verdade. Pois, "a prática da *parresía* requer uma problematização constante do modo como se vive" (PINHO, 2018, p.116).

Em outubro do mesmo ano, agora no jornal *Sul21,* ela enuncia:

> *Eu quero afirmação como artista, independente da minha orientação sexual, mas sei que isto acaba sendo um diferencial para me promover. Eu uso isso e não condeno a curiosidade das pessoas. Isso é meu ganha pão.*[8]

Vê-se mais uma vez uma postura *parrasiástica*, um dizer a verdade sem dissimulação, sem efeito retórico para mascará-lo. Um arriscar-se a ser julgado pelo outro, uma ética no sentido de manifestar sua relação pessoal com a sua vontade de verdade.

O enunciado em voga demonstra como "discursos e atos se inscreve na superfície do corpo, tendo em vista o estilo de vida despojado, atrevido e provocador em relação às convenções sociais" (PINHO, 2018, p. 110). Valéria Houston fala o que pensa sem melindre, se arrisca e se expõe pela sua verdade. Um discurso que não apenas transmite uma informação a respeito de si, mas também provoca mudanças no seu modo ser e de se conduzir.

Mais recentemente, em novembro do ano passado, no portal de notícias *GaúchaZH* foi noticiada a participação de Valéria Houston no programa "Amor e Sexo" da Rede Globo, a matéria reproduz a seguinte fala da cantora:

> *A gente pinta a cara, mas não é palhaça. Pessoas trans não vivem, elas resistem. É algo diário. Você tem que provar quatro vezes a mesma coisa. A gente desse movimento do MPB trans estamos dando a cara a tapa, e estaremos aqui da mesma maneira.*[9]

A prática do cuidado de si não pode ser igual para todos os sujeitos. Um sujeito negro e transgênero tem demandas específicas em seus modos de subjetivação. Esse movimento de contraconduta, evidenciado no enunciado da cantora, sobretudo no uso da palavra *resistência*, é um "liberar o pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente, e permitir-lhe pensar diferentemente" (FOUCAULT,1984, p.14).

---

[8] Enunciado retirado do site <https://www.sul21.com.br/noticias/2012/10/valeria-houston-rompendo-a-desnecessaria-barreira/>, acessado em 16/12/2018.

[9] Enunciado retirado do site < https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2018/11/amor-e-sexo-gaucha-valeria-houston-brilha-em-programa-sobre-movimento-lgbt-cjp0jkwk20h5t01pith7fp7ob.html>, acessado em 16/12/2018.

Pensando no enunciado proferido na *GaúchaZH*, percebe-se que não se trata de "puro e simples discurso" (FOUCAULT, 2010, p.208), a prática extrapola o campo verbal e envolve uma forma de viver, "uma estilística da existência" (PINHO, 2018, p. 110).

Em todos os enunciados também é possível perceber um modo de se expressar simples e despojado, um dos pilares da *parresía*. Ela demonstra uma coragem de dizer o que pensa "apesar das regras, das leis, dos hábitos" (FOUCAULT, 2010, p.342).

Os enunciados aqui descritos e analisados demonstram a possibilidade de os sujeitos pensarem diferente da vontade de verdade instituída; contudo essa não é uma tarefa fácil, uma vez que os discursos muitas vezes funcionam como molde, definindo, delineando e prescrevendo quem eles são e o que são capazes de fazer. Os discursos "são óculos através dos quais, a cada época, os homens perceberam todas as coisas" (VEYNE, 2011, p. 33).

O enunciado, matéria mínima do discurso, serve de elemento primordial para a análise do funcionamento discurso, uma vez que é nele onde se dá a materialização discursiva. De forma geral, os enunciados aqui analisados também servem para indicar que cada época tem o seu próprio aquário (VEYNE, 2011), isto é, cada um só pode pensar como se pensa no seu tempo. Todos os sujeitos são constituídos por discursos historicamente construídos e que servem, dentro das relações de poder-saber, para manter uma normalidade instituída. Por outro lado, as relações de poder são "móveis, reversíveis e instáveis" (FOUCAULT, 2004b, p.276) e o "cuidado de si é a chave para tudo" (FOUCAULT, 2004b, p.280).

O sujeito-Valéria não deixou de fazer parte do aquário no qual vive; não atingindo, portanto, uma libertação das relações de poder, mas deflagrou luta contra um poder sexista, racista e transfóbico, utilizando a *parresía* como prática do cuidado de si e de promoção de uma auto-subjetivação.

O cuidado de si, neste sentido, é a tática mais poderosa de resistência aos processos de sujeição e às forças de controle, pois possibilita "mudar o próprio estilo de vida, a relação com os outros e a relação consigo mesmo" (PINHO, 2018, p. 123).

Considerações Finais

O percurso teórico-analítico realizado neste texto procurou demonstrar um funcionamento discursivo, testemunhando a relação entre vontade de verdade e relações de saber-poder. O texto esforça-se também em expor como essa relação é primordial nos jogos de forças e como estes influenciam os processos de subjetivação.

A leitura de Foucault (2004b, 2010, 2011) dirige os olhos para o cuidado de si como possibilidade de resistência frente aos aviltamentos conduzidos a sujeitos abjetos. Assim, com base na teoria do movimento feminista negro, houve empenho para atestar a interseccionalidade como perspectiva discursiva importante, uma vez que marca idiossincrasias da posição-sujeito analisada.

Ao analisar os enunciados do sujeito-Valéria foi possível progredir no entendimento da *parresía* como prática do cuidado de si e de promoção de subjetivação. Foi possível igualmente asseverá-la como prática de produção de si, demonstrando a positividade do poder.

As análises possibilitaram, ainda, a inserção nos labirintos da analítica do poder, descrevendo as condições de possibilidades de o sujeito-Valéria entrar na ordem do discurso, enunciando com efeito de verdade.

Por fim, foi possível uma compreensão mais profunda sobre a técnica de si *parrasiástica*, na qual busca-se uma vida outra por meio não somente de uma fala destemida, mas também e, sobretudo, por meio de um olhar crítico sobre o modo de viver.

Referências

DELEUZE, Gilles. *O que é um dispositivo?* In: Deleuze, Gilles. *O mistério de Ariana*. Tradução de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja, 1996.

FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do discurso*: reflexões introdutórias. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel**.** *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2004a.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: *Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade:* curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos.* Volume IV. Estratégia, poder/saber. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel**.** *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito:* curso dado no Collège de France (1981-1982). *E*d. Frédéric Gros, dir. François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

LANZ, Letícia. *O corpo da roupa:* a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente. 2015.

LOPES, Sirlene Cíntia AlfIeres. Parrhesía e a produção de subjetividade em Arnaldo Antunes. In: FERNANDES, Cleudemar Alves. et al. (Orgs.). *Análise do discurso & semiologia*. Uberlândia: EDUFU, 2015. p. 301-322.

LUCAS LIMA, Carlos Henrique. *Linguagens Pajubeiras:* re(ex)sistência cultural e subversão da heteronormatividade. Salvador: Editora Devires, 2017.

MACHADO, Isadora. et al. *Tipologia discursiva e interseccionalidade*. In: LAU, Héliton Diego. SILVEIRA, Éderson Luís. (Orgs.) *Raça, Gênero e Sexualidade em Perspectivas Discursivas: teorias e análises*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 54-73.

MODESTO, Edith.Transgeneridade: um complexo desafio. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 24, p. 49-65, 2013.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói-RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004, p. 15-34.

PINHO, Luiz Celso. A parresía ética. In: BUTTURI JUNIOR, Atílio; GORSKY SEVERO, Cristine. (Orgs.) *Foucault e as linguagens*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 105-125.

NAVARRO, Pedro; BAZZA, Adélia Bortolon. Práticas de subjetivação em discursos de idosos. In: FERNANDES JÚNIOR, Antônio & STAFUZZA, Grenissa Bonvino (Orgs.). *Discursividades contemporâneas: política, corpo, diálogo*. Campinas: Mercado das Letras, 2017. p. 149-173.

PRADO FILHO, Kleber. A genealogia como método histórico de análise de práticas e relações de poder. *Revista de Ciências HUMANAS*, Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 311-327, jul-dez 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2017v51n2p311/35699>.

SARGENTINI, Vanice Maria; LOPES, Michelle Aparecida Pereira. Uma análise discursiva do "corpo normal do século XXI: entre a docilidade e a abjeção. In: FERNADES JÚNIOR, Antônio & STAFUZZA, Grenissa Bonvino (Orgs.). *Discursividades contemporâneas: política, corpo, diálogo*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017.

REVEL, Judith. *Michel Foucault:* conceitos essenciais. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer*. Tradução de Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

VEYNE, Paul. *Foucault:* seu pensamento, sua pessoa. Trad. Marcelo Jacques de Morais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VILELA, M.E. M; BÁRCENA ORBE, F. Acontecimento. In: CARVALHO, A.D. (coord.). *Dicionário de Filosofia da educação*. Porto: Porto Editora, 2007. p.14-19.

Recebido em agosto de 2019.
Aceito em dezembro de 2020.